

# O SUPERTERRENO PERNAMBUCO-ALAGOAS: ENSAIO DE REGIONALIZAÇÃO TECTÔNICA

Benjamim Bley de Brito Neves – Professor Senior, Instituto Geociências, Universidade de S. Paulo

A designação “maciço” Pernambuco –Alagoas, dos anos 70, foi feita dentro dos conceitos fixistas perdurou por todo século passado, e induziu a ideia de um contexto “monolítico” separando as faixas móveis da Zona Transversal daquelas do norte do Craton do São Francisco. Este “alto” estaria exposto ao longo de, uma área triangular de ca. 65.000km<sup>2</sup>. No século atual com o advento de mapeamentos geológicos de semi detalhe, investigações geocronológica, mestrados e doutorados, levantamentos aerogeofísicos e outros trabalhos de síntese (destaque Silva Filho et al., 2013, Silva Filho et al., 2014), houve progresso considerável no conhecimento do “maciço”/superterreno. Alguns raros trabalhos anteriores (e.g. Brito Neves et al., 1967; Oliveira et al., 2010) já haviam dissertado o “maciço” como microplaca na evolução neoproterozoica da Borborema .

O conceito de terrenos, inicialmente fomentado por geólogos do USGS na Cordillera Ocidental, foi amplamente enriquecido e possui sínteses de primeira grandeza ( Gibbons ,1994 ; (Howell, 1995). A noção de terrenos compostos ou superterrenos foi introduzida por Berg et al. (19780) , para designar conjuntos de terrenos que foram amalgamados/agregados antes de sua acresção a uma margem continental.

Com os dados atuais, das várias fontes acima mencionadas, o conceito de superterreno Pernambuco-Alagoas parece mais próximo da realidade. Não há dúvidas de sua composição “heterolítica”, como será proposta e discutida, devendo ser enfatizada a sua intrincada participação na colagem orogênica brasileira, externamente (separando domínios distintos) e internamente (profusão de granitoides, arcos e frações de arcos magmáticos , e segmentos de faixas móveis neoproterozoicas).

Os dados e meios disponíveis e utilizados, são de grande valia. Mas eles estão longe de possibilitar diagnóstico final. Da observação desses, de oeste para leste, é possível discriminar, os seguintes terrenos:

- A) A parte ocidental, exposta a oeste da Bacia Tucano apresenta importante participação de terrenos arqueanos e paleoproterozoicos, além de fração de faixa móvel toniana (Belém do S. Francisco-Cabrobó). As rochas de embasamento estão afetadas pelo magmatismo brasileiro, de forma moderada.<sup>10</sup>
- B) Porção centro-ocidental, imediatamente leste da Bacia Tucano. Este terreno apresenta um longo batólito granítico NE-SW (Arcoverde-Paulo Afonso) , expõe frações de faixas móveis brasileiras (“Rio Una”, “Inhapi”), fração extensa de um arco magmático juvenil (Águas Belas-Canindé), e outros corpos graníticos. A direção geral desta fração eminentemente brasileira está consignada NE-SW. Sua composição e estruturas são complexas, e requerem franco aprimoramento futuro.
- C) Há uma fração centro-sul oriental, na forma de um polígono complexo e irregular, tendo a cidade de Garanhuns no seu centro, onde há predomínio de rochas paleoproterozóicas. As irregularidades deste polígono estão consignadas reatualização propiciado pelos terrenos/frações B e D.

D) O terreno mais oriental é marcado pelo grande batólito (Ipojuca –Atalaia) de direção NE-SW (na zona costeira) e pela faixa vulcanossedimentar de Palmares, que apresenta intenso retrabalhamento de rochas paleoproterozóicas. Tanto este terreno, sua estrutura e magmatismo, como aquele centro–ocidental respondem pela forma irregular do polígono de embasamento paleoproterozoico de Garanhuns.

**PALAVRAS-CHAVE: SUPERTERRENO, TECTÔNICA, BRASILIANO**